

Publicar ou morrer

Olínda Evangelista

Professora no Centro de Ciências da Educação da
Universidade Federal de Santa Catarina;
mestre em Filosofia e História da Educação pela PUC/SP e
doutora em Filosofia e História da Educação pela PUC/SP.
e-mail: oevangelista@uoi.com.br

“*Este é um tempo em que a razão deve ranger os dentes*”:
E. Thompson

Quando um dos nefastos intentos das elites dominantes desse país contra a universidade se concretizou na Gratificação de Estímulo à Docência – GED, fui assaltada por um sentimento de profundo desconforto. Entre tudo que me causou medo, o que mais me impactou foi a força da idéia de que, a partir dali, ou publicaria ou morreria. Sobrevivi ao impacto com a ironia do bordão publicar ou morrer, paráfrase ao de Fernando de Azevedo, levado ao ar nos anos 1930, “progredir ou desaparecer”. Acompanhando atentamente algumas das manobras do Estado fui verificando o estrago que vinham causando entre nós. Não é preciso superlativar nenhum dos defeitos do projeto universitário em vigor. Mas esse mobilizou-me de modo particular – o imperativo da publicação.

Alguém, à sorrelfa, deixou escapar “publiquemos, pois”. Perguntei:

“O quê?”

– Não sei!

- Onde?
- Não sei!!
- Para quê?
- Não sei!!!
- Quando?
- Sempre, ué.

Esse diálogo lacônico, conquanto riquíssimo, disparou ainda mais minha insegurança. E ninguém vai dizer nada? – Vai, disse o passante. Por escrito!

Confesso que esse clima me aborrece. Eu estava confiante em que a publicação era um resultado de estudos, de pesquisas, de reflexões, de maturações teóricas, de inquirições intelectuais, de contribuições significativas, de respostas políticas, de preocupações sociais, de compromissos com o saber, de respeito à opinião pública, de amor ao leitor anônimo, de explicitação de idéias além-indivíduo... “Romance”, afirmaram. Não é. Publicar é publicar. Que explicação mais tautológica... Qual nada, publicar era isso mesmo. E só precisava duas coisas: um sujeito que escrevesse palavras em uma página e um editor. O leitor? Bom...

Delirante, comecei a ver tipos desfilando pelos corredores da universidade.

Vi um professor tão atabalhoado com seus *papers*, que tanta confusão fazia sobre “qual ia para onde e quando” que acabou por perder a noção de sua pobre carcaça. Esse cara, falei aos meus botões, por razões de natureza absolutamente biológica, não pode enfrentar as demandas de sua época... Seu coração decretou-lhe a falência. Dei-me conta, então, que a ironia do bordão, atrás do qual me escondera, mudara de forma: publicar ou morrer.

Defrontei-me com outro. Nesse caso, meu colega gastara tanto de seu tempo e de sua vida amontoando escritos que, pressionado pelo “clima

universitário”, passou a admitir qualquer negócio em troca de publicá-los. Alguém lhe carregara a alma. Refiz o bordão: morrer por publicar.

Perdida em caraminholações infundas, tropecei em outro mestre. Seu ar abatido e suas vestes rotas deixaram-me estupefata. Meu olhar interrogativo foi suficiente para que se justificasse: – Menina, estou trabalhando como louco... Dou mil cursos. Todo dinheiro que ganho pago para editar meus artigos. Não agüento mais. Além de já ter que gastar meu salário para viver, agora tenho que trabalhar para publicar! De novo meu bordão sofria modificações: morrer para publicar.

Meu pesadelo insistia em continuar e, com pouca demora, encontrei-me às voltas com mais uma figura amalucada. Desesperadamente buscava imiscuir-se na rede de publicações, na rede de conselhos editoriais, na rede dos organizadores de coletâneas... Dispôs-se a escrever sobre os sarcófagos e suas múmias, sobre Helena de Tróia, sobre a interessante vida dos marsupilames, sobre os índios de Mangueirinha, sobre o último filme de Spielberg, sobre os efeitos da aromaterapia... e... há... sobre... a... arquitetura de Lúcio Costa. O bordão bateu diferente: morrer se publicar.

Sem coragem para encarar tão fatídica realidade, busquei afastar-me desses colegas. Seguiu meu caminho quando fui literalmente abafroada por um ofegante sujeito carregado de papéis. – Que houve? Perguntei. Está acontecendo alguma coisa? – Você ainda não sabe? – Nããã, respondi, meio-indo, meio-ficando. Ato contínuo, explicou-me o companheiro de ofício que havia sido publicado um *index* onde se arrolavam livros e artigos publicados e a posição, nele, de cada autor... Sua pressa devia-se a que queria saber que lugar ocupava no *ranking* e, mais, quem estava antes e quem vinha depois... Não havia tempo a perder na selva do impresso. – Ah... E essa papelama? – Vou levar na editora e nos Correios. Meus textos circularão mundo afora... E saiu voando para pegar seu lugar no índice. Meu bordão não cessava de ser alterado: morrer se não publicar.

Fiquei imaginando quando essas fantasmagorias desapareceriam... Para minha desilusão mais um fantasma dispôs-se a me assustar! Surgiu

sob meus olhos uma personagem estranha. Defendia, sem pejo, que era totalmente aceitável – para sobreviver aos ditames da contemporaneidade – assinar como co-autor os trabalhos produzidos por seus orientandos. – Hã? Balbuciei, incrédula. – E digo mais: até dois anos após a defesa da tese, tudo que for publicado terá que trazer meu nome. – !!!!!!!, fui incapaz de pronunciar palavra... A língua-mãe parecia não dar mais conta de expressar tanta variação: **publicar apesar de morrer.**

Quando comecei a me convencer de que não havia mais nada a se inventar, topei com um típico esquisito. Chegou a me causar engulhos. Confessou, sorrateiramente, haver-se apropriado de um que outro trabalho alheio e publicado em seu nome. – E o autor? Aceitou? – Bem, existem certas situações em que nada se pode fazer... Zonzeei... e saí daquele corredor que já se me afigurava mais inado. E o bordão, metamorfoseou-se: **publicar para morrer.**

Desolada, desisti de fantasiar sobre a rica fauna que a GED poderia produzir. E aí cruzei com um professor, alguém cujo bom senso lhe compunha as entranhas. Talvez dos poucos que dimensionassem seus escritos com a mente, o coração, o ele, o nós e os nós. Deleitei-me longas horas. Não era um sujeito de poucas publicações, nem de imensas. Era um professor. Um bom professor. Pesquisava, ensinava, tomava cafézinho, criticava o governo, apreciava a natureza, comia camarão, molhava os pés no mar, ia ao cinema, gostava da boa música, ficava lendo. Era assim, sei lá, um professor só! Decente, abriu-me a “janela da sacada”. O bordão chegou à sua forma final: **publicar *pero sin morir.***

orientandos

de autor

até dois anos

após a defesa

da tese

apropriado

de um que outro trabalho